

2^a Parte

Estudos

MOZART SORIANO ADERALDO(1917-1995) 90 ANOS EM 2007

Horácio Dídimo

Mozart Soriano Aderaldo foi crítico, ensaísta, historiador, genealogista e poeta. Nasceu na cidade de Brejo, no Maranhão, no dia 22 de abril de 1917 e faleceu em Fortaleza, no dia 26 de junho de 1995. Descendente de família cearense, era filho de Francisco Antônio Aderaldo e Elisa Soriano Aderaldo. Aos três anos de idade veio para Fortaleza. Estudou no Colégio Cearense e no Liceu do Ceará. Iniciou o Curso de Direito na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e concluiu na Faculdade de Direito do Ceará. Fez Mestrado na Escola Brasileira de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas, e Doutorado em Direito Público na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Era um dos componentes do Grupo Clá. Ainda universitário foi Prefeito de Senador Pompeu. Foi Diretor da Imprensa Oficial, Consultor Jurídico da Secretaria de Agricultura, Consultor do Estado, à disposição do Governo para chefiar sua Assessoria Técnica, Professor da Faculdade de Ciências Econômicas, 1º Diretor da Escola de Administração do Ceará e Ministro, Conselheiro e Presidente do Tribunal de Contas do Estado do Ceará. Participou, membro de várias entidades culturais, como o Instituto do Ceará, onde exerceu a Presidência, e a Sociedade Cearense de Geografia e História. Ocupava a Cadeira nº 19 da Academia Cearense de Letras, cujo patrono é José Albano. Publicou: *A Posição do Escritor na Reconstrução do Mundo* (1947), *Esboço de História da Literatura Brasileira* (1948), *Colonização das Terras Devolutas do Ceará* (1949), *Apoemas* (1949), *Minha Árvore Genealógica* (1952), *Livros e Idéias* (1954), *Pe. Francisco Longino Guilherme de Melo, o Verdeixa Moçoroense* (1955), *Rolins, Cartaxos e Afins* (1971), *Velhas Receitas da Cozinha Nordestina* (1963, 2ª ed. 1981), *Três Estudos* (1965), *História Abreviada de Fortaleza e Crônicas sobre a Cidade Amada* (1974, 2ª ed. 1993); *No Mar de Tiberíades* (1984), *Livros e Idéias, 2ª série* (1987), *Retalhos Nautiquinos* (1988), *A Praça* (1989, 2ª ed. 1991), *O Cacto Amarelo* (1990), bem como obras jurídicas, discursos e artigos nas revistas da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará. Recebeu inúmeras condecorações, entre as quais a Medalha de José de Alencar, do Governo do Estado do Ceará, a Medalha Barão de Studart, do Instituto do Ceará, e a Medalha Boticário Ferreira, da Câmara Municipal de Fortaleza. Era casado com Ana Cartaxo (Dona Nanza) e teve cinco filhos: Melânia, Marcos, Henrique, Carlos e Lúcio.

A ANTIGA PRAÇA

Fala-se, novamente, em reformar a Praça do Ferreira. E louva-se, sem dúvida, o zelo da Prefeitura em não se fazer surda ao verdadeiro clamor de quantos amam a cidade, em oposição ao indiscutível atentado cometido em 1968/69 contra a Praça do Ferreira.

Ninguém ama o que não conhece - é aforismo antigo. Uma coisa é fazer uma administração honrada, e outra é, além da instrumentalidade técnica e do desejo de servir, ter paixão por Fortaleza, fruto do conhecimento de suas características, sabedoria essa que somente se adquire lendo historiadores e cronistas e, principalmente, participando da natural evolução do pequenino burgo que se desenvolveu a partir da restauração portuguesa, com Álvaro de Azevedo Barreto, no Ceará, em 1654.

Daquele simples aldeamento chegamos à Fortaleza de hoje. Mas a natureza não dá saltos. Foi necessário conquistar, nem sempre diplomaticamente, a nossa autonomia municipal, fazendo jus ao simbólico pelourinho, disputando com Iguape, Aquirás e a Barra do Ceará o direito de ser a sede da vila criada em 1699.

Em 1726, dia 13 de abril, foi afinal instalada a segunda vila da então Capitania do Ceará, precisamente esta nossa mui leal cidade da Fortaleza de N.S. da Assunção, nossos encantos e nossos amores. Vila que, embora sede do governo da Capitania, persistia acanhada até o início do Século XIX e mesmo anos depois, a ponto do inglês Henry Koster, que a conheceu em 1810, ter dito dela, que não contava mais de 1.200 habitantes, o seguinte: - "Não é muito para compreender a razão da preferência pelo local." De fato a vilazinha, sem calçamento e sem prédios alinhados, possuía pouquíssimos arruamentos, todos batizados pelo quartel anexo à fortaleza, de onde partia, rumo norte-sul, a rua do Quartel, hoje General Bezerril. E dispunha de apenas uma praça, a do Conselho ou do Senado da Câmara, hoje da Sé, de acordo com o que nela viu o referido estrangeiro, que exagerou para menos na opinião de João Brígido.

Somente pelo meado do Século XIX a já então cidade se espalharia em todos os sentidos, principalmente para o oeste e para o sul, pois o riacho Pajeú constituía obstáculo para sua expansão para leste, enquanto o Atlântico impedia o seu crescimento para o norte. No rumo sul surgiria a praça Carolina, hoje desaparecida com a criminoso construção, em seu perímetro, dos prédios dos Correios e Telégrafos, do Banco de Brasil e do Palácio do Comércio (três

entidades pobrezinhas, que não podiam adquirir terrenos para levantar suas sedes...), onde se realizavam as feiras. Cerca de cem metros ao sul da Praça Carolina, a partir do canto nordeste da área destinada a ser o largo das Trincheiras, depois praça Pedro II, da Municipalidade e finalmente do Ferreira, havia então, dentre outros, um arruado irregular, inclinado para sudoeste e, por isso, chamado Beco do Cotovelo, trecho de chão em que se realizaria outro tipo de comércio popular que não o da Feira Velha. Seria a Feira Nova. Fazia-se mister promover a demolição daqueles pequeninos prédios, certamente de taipa, disso encarregando-se Antônio Rodrigues Ferreira, para cá trazido pelo comerciante Manuel Caetano de Gouveia em 1825, a fim de que se confirmasse a vocação daquele trecho da cidade, naturalmente destinado a ser A PRAÇA, afinal crismada com o nome de seu natural benfeitor, ainda milagrosamente conservado. Ali instalado com uma botica (antigo nº 24 e atual nº 566 da Rua Major Facundo), fez tudo para melhorá-la, podendo ver coroados seus esforços quando, em 1842, foi escolhido Vereador e logo após Presidente da Câmara, o que, naquele tempo, equivalia ao cargo de Executivo Municipal, depois chamado Intendente e por fim Prefeito, no total, assim, de 18 anos de edilidade. Foi-lhe possível, então, com o seu prestígio, fazer cumprir o plano diretor da cidade elaborado pelo coronel engenheiro Silva Paulet, vindo para o Ceará com o governador Manuel Inácio de Sampaio, na segunda década do Século XIX.

A Feira Nova tomaria com o boticário Ferreira rápido desenvolvimento, o que ensejou fosse o centro da cidade deslocado para o novo logradouro, que ainda não passava, até 1902, de vasto areal, com quatro quiosques nos cantos, uma cacimba no centro (depois acrescida de uma caixa d'água em sua parte sul, transferida, esta, para o Parque da Liberdade, onde se acha a Cidade da Criança) e vários "frades de pedra", guarnecidos com argolões de ferro.

Em 1902 o grande prefeito Guilherme Rocha promoveu o seu primeiro embelezamento, cercando com grades de ferro a sua área central, em forma de paralelogramo cortado por duas alamedas em cruz, preservados os quiosques. Um de menor dimensão, de propriedade e a serviço da Light, for armado na face norte da praça. Na esquina nordeste fora levantado o quiosque em que se instalou o Café Java, de gloriosa tradição por nele se realizarem as reuniões das quais resultou a organização da Padaria Espiritual. Na esquina noroeste situava-se o Café do Comércio, este com dois pavimentos, de propriedade, por último, do pai do futuro prefeito Murilo Borges Moreira. O Café Iracema se abrigava no quiosque da esquina sudoeste da praça e na sua esquina sudeste

ficava o Café Elegante, este, como o do Comércio, com dois pavimentos. O centro da praça, devidamente cercado como já ficou dito, era bem arborizado e florido.

Em 1920, quando Prefeito pela primeira vez, Godofredo Maciel procedeu a uma modificação na praça. Demoliu os quatro grandes quiosques, embora mantivesse o da Light. Dessa remodelação nos dá notícia Antônio Sales em seu livro *Retratos e Lembranças*, lamentando a demolição do Café Java. Em 1925, Prefeito pela segunda vez, Godofredo Maciel fez outra alteração na Praça do Ferreira, construindo o célebre Coreto, coração cívico da cidade, que não era situado no centro do logradouro, mas um pouco deslocado para o norte e para leste.

Alguns anos depois, o Prefeito Raimundo Girão promoveu a terceira alteração na praça, de par com uma série de melhoramentos para a cidade, como o calçamento a concreto em substituição às pedras irregulares. Derribou o Coreto e levantou, no centro da praça, a Coluna da Hora, onde foi colocado um relógio de quatro faces, adquirido pela Prefeitura à firma Bighton e Cia., com agência no Recife. Sua inauguração se deu no exato momento em que findava o ano de 1933 e tinha início o de 1934.

Posteriormente, outras menores modificações foram feitas, sempre com prejuízo da área de lazer da população, infelizmente. Abriram-se duas alas para passagem e estacionamento de carros, uma a leste e outra a oeste. Depois, rasgaram-se mais duas, paralelas àquelas. Mas salvaram-se os bancos, onde pequenos grupos, uns de velhos, outros de moços, uns de desportistas, outros de intelectuais, uns de comerciários, outros de estudantes, religiosamente se reuniam todas as noites, até o badalar das 23 horas, quando partiam os últimos bondes para os diversos bairros da cidade.

(Excerto da Introdução ao livro A Praça, 1989)

COMENTÁRIO

São traços fortes da personalidade de Mozart Soriano Aderaldo o seu espírito profundamente religioso e o seu amor à cidade de Fortaleza. Disse Otacílio Colares: *Mozart, não sendo um filho desta cidade, é no entanto um dos seus amantes mais devotados e impenitentes. Dono de extraordinária memória visual, é delicioso vê-lo descrever uma de nossas ruas como era há três, quatro décadas, ora detalhando um frontispício de casa residencial já demolida, ora fazendo-nos*

reviver gentes e acontecimentos pertencentes a um passado remoto, numa recomposição histórico-afetiva que faz de cada página leitura ao mesmo tempo instrutiva e agradável. Já Artur Eduardo Benevides no belo poema intitulado **Romance das Aventuras do Peregrino de Deus Mozart Soriano Aderaldo**, proclama: *Vi-o a lutar nas Praças e nos Paços./ Vi-o em suas glórias e em breves cansaços./ Era quase um profeta, com o báculo,/ na alma a conduzir um tabernáculo / de Luz./ Seria, talvez, um discípulo de Emaús / se dado lhe fora no tempo regressar./ E veria Cristo andando sobre o Mar, / acalmando, com um gesto, a rude tempestade./ Amando o que criava, seguiu com humildade / por verões ou invernos, ouvindo as pulsações dos pêndulos eternos / a marcar o ritmo da vida.* Juarez Leitão, que o sucedeu na Academia Cearense de Letras, diz em seu discurso de posse: **Homo Laboris**, fez do trabalho um mandamento especial. Escrevia, pesquisava, fundava Clubes de Rotary, acompanhava projetos editoriais, fazia assessoria, dirigia reuniões. Tudo isso sem descuidar dos compromissos religiosos, do terço diário, das missas e das sessões da associação dos vicentinos. Tinha um pé na madeira do cotidiano e outro no umbral metafísico, administrando as interdições relativas ao sonho e as razões movediças da vida. Como historiador, escreve sobre a raça, a Fortaleza intrépida dos primeiros empreendedores, não caindo, entretanto, na alegoria gratuita ou no símbolo exaltado, sem a comprobatória correspondência documental. Fala de Fortaleza com convicção plena e o maior conhecimento e, neste ofício põe toda a energia e toda a fidelidade, o amor absoluto e a defesa intransigente. Seu livro sobre a Praça do Ferreira é documento fundamental para a História desta cidade, mas é também um testemunho de dor e de saudade. E a gente sente como se do texto evolasse uma espécie de cheiro do tempo, da meticulosidade ancestral, do jeito antigo de existir, o suor, a voz, o bafo do boticário... coisa que o olfato dos vândalos nunca haveria de perceber. Para concluir esta seqüência de testemunhos sobre a personalidade e a obra de Mozart Soriano Aderaldo, transcrevo um pequeno metapoema a ele dedicado, sobre o livro **A Praça**, no qual ressurgem a Fortaleza antiga de *Coisas que o Tempo Levou*, de Raimundo de Menezes, de *Fortaleza Descalça*, de Otacílio de Azevedo e de *Coração de Menino*, de Gustavo Barroso: *No princípio os lampiões / e os velhos bondes de burro / com as lonas desfraldadas / sob o sol e sob a chuva. // Depois do antigo coreto/ vem a Coluna da Hora,/ os cinemas, os cafês,/ quiosques, bancos e rodas.// Coisas que o tempo levou, / a Fortaleza descalça, o coração de menino. // Coisas que Mozart contou / com leveza e com amor / sobre a Praça do Ferreira (Horácio Dídimo, Exercícios de Admiração).*